

Os objetos de Ely Bueno.

Há uma série de poemas de Rilke, chamada "Dinggedichte", isto é: "poemas-coisas" ou "poemas sôbre coisas". Nelas Rilke procura captar o sacro que é a essência de tôda coisa concreta, por mais banal que ela seja, e que é precisamente a concreticidade de tal coisa. Com tal esforço Rilke se revela representante típico de tôda uma tendência fundamental do século 20, e que foi formulada per Husserl numa espécie de brado de guerra: "Zurueck zur Sache!", (voltemos à coisa!). Essa reviravolta do pensamento atual, pela qual estamos dando as costas às questões "profundas" que fascinavam os nossos pais, e encaramos as aparências das coisas que nos cercam, e que os nossos pais desprezavam, é chamada "fenomenologia". Tal volta, (um tanto humilde e humilhante), ao concreto, depois de vôos orgulhosos nas regiões de abstrações sempre mais esplêndidas que ocuparam a Idade moderna tôda, é indubitavelmente um dos característicos da atualidade, embora a maioria talvez ainda não esteja se dando conta dela. Com efeito: a volta rumo a coisa concreta é reviravolta mais fatal que o famoso "retorno à natureza" com o qual se iniciou o romantismo do século 18.

Os pensamentos precedentes se formularam quase que espontâneamente durante a contemplação de duas pequenas gravuras de Ely Bueno, uma representando chapéu de feltro para homem, a outra espécie de faca pontuda de dois gumes. Isto é: as duas gravuras evocaram primeiro os poemas de Rilke, e depois o contexto filosófico, cultural e existencial do qual os poemas surgiram, e o qual continua banhando a nossa sensibilidade. O propósito de presente ensaio será pois o de tentar captar o perfume volátil de poesia tão tipicamente "nossa" que emana das gravuras.

Antes de descrever as gravuras, confessarei dificuldade de terminologia. Os dois termos alemães "Ding" e "Sache" que utilizei são traduzidos, os dois, pela palavra "coisa", embora o primeiro signifi que a coisa que me condiciona, e o segundo a coisa que me é assunto. O chapéu e a faca representados pelas gravuras são "Sachen" de Ely Bueno, mas o termo português "coisa" não capta tal relação entre chapéu e faca de um lado e Ely Bueno do outro, já que a raiz etimológica de "coisa" é "cau sa". Não: o chapéu e a faca não são causas de Ely Bueno, pelo contrário: Ely Bueno é a causa dessas coisas. Optarei pois pelo termo "objeto", embora saiba que sua raiz etimológica seja "ob-iectum", isto é: obstáculo, no sentido do termo alemão "Gegenstand", e do termo grego "problema". O termo "objeto", por insatisfatório que seja, articula melhor a relação estabelecida pelas gravuras que o termo "coisa".

Os objetos representados pelas duas gravuras o são per métodos opostos: o chapéu é exposto, em sua pretidão massiva, contra fundo branco, e a faca é recortada, com sua lâmina lúcida e seu cabo absurdamente intangível, contra fundo preto. Mas isto não é o que distingue funda-



do enquanto objeto suave. A definição é dura, para que o objeto seja suave. E o amor protetor que transparece no gesto em torno do chapéu é fruto da mesma luta dura e definidora contra a resistência da concreticidade quanto o é o 'ódio agressor que transparece no gesto em torno da faca. Em outros termos: a essência do objeto se revela pelo gesto, (amoroso num caso, odioso no outro), mas em todos os casos se revela apenas para quem lutar contra a resistência amorfa do mundo. Em todos os casos é ela produto da vontade de dar forma, ("informar"), a concreticidade. A essência do objeto é a intenção informativa do sujeito. Ely Bueno é a causa da suavidade do chapéu e da dureza da faca.

Mas dizer isto não é cair em subjetivismo. Os gestos de Ely Bueno não são aleatórios: são amerosos no caso do chapéu, porque chapéus são "de fato" suaves, e odiosos no caso da faca, porque facas são "de fato" duras. 'E claro, chapéus são suaves e facas são duras devido ao gesto de quem os aprende; mas quem os aprende os aprende por tais gestos e não por outros. O que define a essência do objeto não é pois uma vontade aleatória do sujeito, mas a relação concreta que a intenção estabelece entre sujeito e objeto. Uma vez estabelecida tal relação, o gesto do sujeito fica "sujeito" à relação, e deve obedecer a suas regras. Se Ely Bueno, uma vez estabelecida a relação entre ela própria e seus objetos, tivesse feito gestos diferentes dos que são visíveis sobre o papel, teria perdido a essência do objeto. Gestos odiosos teriam perdido a essência de chapéu. A contemplação das gravuras revela a interdependência entre sujeito e objeto, e revela também a irreversibilidade da relação entre ambos. Ely Bueno depende, enquanto gravadora, dos objetos que escolheu, e, no entanto, ela é a causa de tais objetos. O que, creio, articula bem o clima existencial no qual vivemos com relação ao mundo objetivo que nos cerca.

Pois tudo isto que foi dito a respeito das duas gravuras, embora importante, não capta o clima poético que delas emana. Não pode, porque o clima do objeto é um dos seus inúmeros aspectos, e não pode ser transposto para outro objeto: a descrição das gravuras não pode transpôr o clima das gravuras. O que pode, é "traduzi-lo". E a tradução é esta: Chapéus e facas são objetos banais, isto é: encobertos pelo hábito que deles temos. As gravuras, ao revelarem os traços dos gestos que descobrem a capa da banalidade, revelam, também, o que se esconde por baixo da capa. Esse núcleo destarte descoberto pode ser chamado a "essência" do objeto, (a "chapeidade", a"faquidade"), mas também a beleza que emana de toda concreticidade descoberta. Pois o clima de poesia que emana dessas gravuras é o da beleza descoberta por baixo da banalidade.